

# POETAS PROFESSORES NA LITERATURA PRODUZIDA NO TOCANTINS

## POETS TEACHERS IN THE LITERATURE PRODUCED IN TOCANTINS

Walace Rodrigues 1  
José Manoel Sanches da Cruz Ribeiro 2

**Resumo:** Este artigo busca deixar conhecer dois poetas que são professores do curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e que trabalham a partir de suas impressões do novo lugar (lôcus) onde decidiram instalar-se: o Estado do Tocantins. Estes autores são Luiza Helena Oliveira da Silva e Wallace Rodrigues, os dois nascidos no Estado do Rio de Janeiro e radicados no Tocantins. Partindo da compreensão de que a literatura produzida no Tocantins é uma literatura em formação e em processo de consolidação, este artigo revela a importância de se fazer poesia a partir das impressões pessoais oriundas da vivência com um novo lugar de morada.

**Palavras-chave:** Literatura. Poesia. Tocantins. Literatura Tocantinense.

**Abstract:** This article aims to let know two poets who are teachers of the Language graduation at Federal University of Tocantins – UFT. These writers work from their impressions of a new place (locus) where they decided to settle: the state of Tocantins. These authors are Luiza Helena Oliveira da Silva and Wallace Rodrigues, both born in the state of Rio de Janeiro and based in Tocantins. Starting from the understanding that the literature produced in Tocantins is a literature in formation and in a consolidation process, this article reveals the importance of making poetry from personal impressions derived from the experience with a new dwelling place.

**Keywords:** Literature. Poetry. Tocantins. Literature From Tocantins.

---

Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). 1  
Doutor em Humanidades pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Pós-doutor  
pela Universidade de Brasília (UnB/POSLIT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5195497710570480>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9082-5203>.  
E-mail: [walace@uft.edu.br](mailto:walace@uft.edu.br)

Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutor 2  
em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Lattes:  
<http://lattes.cnpq.br/4346440934782080>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4883-6512>. E-mail: [sanches@uft.edu.br](mailto:sanches@uft.edu.br)

## Introdução

Este artigo nasce a partir de questionamentos sobre a florescente poesia tocantinense. Essa poesia, tão nova, em grande parte de seus autores, começa a mostrar a sua força em gerar as mais diferentes e variadas leituras sobre o ser no mundo a partir do Tocantins, do lugar onde ela acontece.

Por mais que o Estado ainda seja novo, estudos demonstram que a produção literária na região surgiu, ainda que de forma muito esparsa, na década de 70, quando ainda pertencia ao estado de Goiás. Consta que o escritor Hamilton Pereira da Silva, o Pedro Terra, nascido em Porto Nacional, iniciou sua vida literária ainda na prisão, em 1972, publicando em 1979, uma coletânea de poemas, intitulada de Poemas do Povo da Noite. No mesmo ano, é publicada Madrigais, obra de Alexandre Gomes de Brito. Após a criação do Estado, em 1988, a atividade poética é intensificada, já apresentando uma variedade de temáticas, que vão desde as especulações metafísicas às questões de cunho político e denunciante.

Porém, nos últimos anos, percebe-se uma tendência crescente, principalmente em escritores recém-chegados ao Tocantins, uma preocupação com as impressões que o novo espaço provoca no imaginário dos poetas. O Rio Tocantins, a natureza, a formação do lago e a criação de uma nova capital produzem um momento especial de significação desse novo lugar para onde as pessoas, das mais variadas partes do país, para cá se deslocam, em busca de novas oportunidades de trabalho e de novas alternativas de vida. Dessa forma, esse novo painel que se descortina é para a poesia um outro lugar de sentidos que possibilita uma outra memória pelo olhar fantasioso e sensível para este lugar, que se fez visível e diferenciado a partir de outubro de 1988.

É o que podemos observar em poetas como Luíza Helena Oliveira da Silva e Wallace Rodrigues. Este trabalho toma como objeto de análise duas poesias desses professores poetas e as fricciona, buscando compreender suas composições e seus múltiplos significados a partir do lócus onde são geradas.

Esta necessidade da poesia em nos mostrar um lugar (neste caso o Estado do Tocantins), e tê-lo como tema, parece demonstrar a necessidade do poeta de situa-se no mundo, de localizar-se dentro da imensidão da Terra, como que marcando um ponto no mapa e vendo o mundo a partir dele. O gesto de marcar é o que faz do poeta um leitor de mundos, de pessoas, de coisas e de sentimentos.

Assim, buscando decifrar o imprevisível de se habitar nesta parte do Brasil, a poesia se coloca como uma surpresa, um descobrimento. Desvendar o Tocantins através da poesia parece ser um caminho bastante possível para compreendermos este lugar que escolhemos para viver. Posso até achar que você não poderia ser mais negativo do que todos os homens poderiam falar disso.

## Poetas professores na literatura tocantinense

No Tocantins, como em vários outros lugares inspiradores, parece haver espaço para uma literatura nascida a partir de olhares específicos sobre um *locus* tocantinense, onde se decide residir, criar raízes, crescer. Assim, através da linguagem de imagens o poeta descreve esse *locus* escolhido e cria reverberações sensíveis numa poesia cheia de personalidade e arte. Como nos diz a professora, artista e escritora Maria Luíza Saboia Saddi (2011), a invenção poética, utilizando-se das artimanhas das linguagens escrita e visual, cria novos mundos, recriando novos lugares:

A linguagem, a nossa mais cara invenção, indispensável e bela, mas nunca estática e absoluta, mas, sempre fluida, sempre múltipla e viva como pássaros em voo. Como se poderia almejar mais? Os problemas surgem quando a encaramos como apreensão ou revelação do mundo e esquecemos que ela mesma já é mundo, já é criação de mundos (SADDI, 2011, pág. 4010).

Para o filósofo alemão Friedrich Hegel (2010), a poesia se coloca como a arte discursiva

que revela aquilo que há da mais interior à alma humana, mesmo em comparação às outras formas de arte. Conforme Hegel nos informa, a poesia:

[...] expande-se no campo do representar interior, do intuir e do sentir para um mundo objetivo que não perde inteiramente a determinidade da escultura e da pintura e é capaz de desdobrar mais completamente do que qualquer outra arte a totalidade de um acontecimento, de sua seqüência, de uma alternância de movimentos do ânimo, de paixões, de representações e o decurso fechado de uma ação (HEGEL *apud* PLEINES, 2010, p. 98).

O poeta é, assim, mas não somente, um intérprete de mundos. A poesia é sua ferramenta de trabalho artístico e com a qual o poeta criará novas maneiras de compreender coisas, vidas, pessoas, lugares, vegetações, rios, etc. A relação que a poesia mantém com lugares específicos (mesmo aqueles imaginados pelo poeta) somente reforça o caráter estético da arte poética enquanto poderoso meio de expressão criativa, como nos deixa ver Antônio Candido (2006): Todos os poemas aqui elencados, fazem parte de um grupo de escritores

[...] o fato da arte ser, eminentemente, comunicação expressiva, expressão de realidades profundamente radicadas no artista, mais que transmissão de noções e conceitos. Neste sentido, depende essencialmente da intuição, tanto na fase criadora quanto na fase receptiva, dando impressão a alguns, como Croce, que exprime apenas traços irredutíveis da personalidade, desvinculados, no que possuem de essencial, de quaisquer condicionantes externos. Embora um sociólogo não possa aceitar as consequências teóricas da sua estética idealista, o fato é que ela tem o mérito de assinalar este aspecto intuitivo e expressivo da arte, vendo a poesia, por exemplo, como um tipo de linguagem, que manifesta o seu conteúdo na medida em que é forma, isto é, no momento em que se define a expressão. A palavra seria pois, ao mesmo tempo, forma e conteúdo, e neste sentido a estética não se separa da linguística (CANDIDO, 2006, p. 30-31).

Vale lembrar que estamos sendo um tanto românticos ao pensarmos o ambiente circundante enquanto ponto de invenção para a poesia, porém os poemas destes professores poetas que analisamos aqui nos revelam uma forte sensibilização a partir do *locus* tocantinense.

A poesia tem o poder mágico de criar atmosferas de sensibilização, acrescentando elementos imaginários à realidade, exagerando ou distorcendo elementos da realidade. Assim, o Tocantins poético se coloca como um lugar de criação inventiva, um lugar mágico, onírico. Essa relação entre sonho e poesia sempre foi muito utilizada pelos poetas, conforme nos mostra Maria Luíza Saboia Saddi (2011):

A linguagem onírica se assemelha à linguagem poética, pelos meios, pelas figuras de linguagem, pelos símbolos e sentidos, pelos sons e ritmos, pelas montagens e deslocamentos que faz, ou pela constante invenção de imagens. As poesias também são construídas por imagens metafóricas, paradoxos, analogias, ambiguidades, sentidos plurais, dinâmicos, como os sonhos. Assim vemos a reciprocidade entre sonho e poesia (SADDI, 2011, pág. 4006).

Ser poeta numa sociedade com fortes traços de oralidade, como na sociedade tocan-tinense, parece abrir portas inventivas para um poeta, pois ele toma para si o papel daquele que transforma em linguagem escrita as histórias do lugar, os ruídos dos ventos, os cantos dos pássaros, os choros cerimoniais dos indígenas. Nesse Tocantins, de várias etnias indígenas, os poetas não podem fugir da missão de intérpretes de seus universos, conforme nos informa Antônio Candido (2006):

A poesia das sociedades primitivas permite avaliar a importância da experiência cotidiana como fonte de inspiração, sobretudo com referência às atividades e objetos fortemente impregnados de valor pelo grupo. À medida que fala deles, o poeta assegura a sua posição de intérprete, num sentido que a nós poderia frequentemente parecer anestésico (CANDIDO, 2006, p. 39).

Neste trabalho de interpretar o mundo tocan-tinense através da poesia, esses profes-sores poetas tomam para si mais tarefas: a de colhedores de sensibilizações e a de divulgadores dessas impressões. Todos sabemos que não se pode ser somente poeta. Os maiores poetas brasileiros tiveram seus trabalhos, para além daquele que se dedica à escrita. Foram doceiras, diplomatas, professores, jornalistas, funcionários públicos, etc. A poesia não é para o sustento do pão, mas para o alívio da alma. Isso Antônio Candido (2006) nos deixa ver claramente na passagem abaixo:

Em todo o caso, a existência de artista realmente profissional, que vive da sua arte, dedicando-se apenas a ela, não é frequente entre os primitivos e constitui, via de regra, desenvolvimento mais recente. Nas sociedades arcaicas ele não se diferencia sempre claramente de outros papéis, correspondentes a outras funções, porque a arte, notadamente a poesia, não se encontra ela própria diferenciada de outras manifestações culturais. Nas sociedades modernas, a autonomia da arte permite atribuir a qualidade de artista mesmo a quem a pratique ao lado de outras atividades (CANDIDO, 2006, p. 36-37).

Os dois poetas professores escolhidos para exemplificar este trabalho são tocan-tinenses de coração, mas nascidos no Estado do Rio de Janeiro: Luíza Helena Oliveira da Silva e Wallace Rodrigues. Ambos professores da Universidade Federal do Tocantins (UFT), trabalham no cam-pus universitário de Araguaína, mais especificamente no curso de Letras.

A professora Luíza chegou em terras tocan-tinenses em 2004 e já a partir deste ano trabalha na graduação em Letras, como professora substituta, e, dois anos mais tarde, como professora efetiva. A partir de 2010 atua no programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL). Em 2007, publicou, em parceria com outras duas professoras do curso de Letras, o livro *Inquietações*, e desde então, vem se dedicando assiduamente à criação poética, tanto na poesia como na prosa. Desta obra, escolhemos para este artigo, de sua autoria, o poema *Palmas*, transcrito a seguir:

Palmas  
Fim de tarde em Palmas  
O movimento levíssimo das ondas do lago  
Sob um céu de sol em repouso  
Vai dando nova forma ao meu coração.

O som dos pássaros evidencia  
Que algo de floresta aniquilada pelas águas

Sobreviveu

Multidão de paus úmidos de árvores que apodrece  
avançando em direção à superfície  
O resto, todo o entorno: silêncio.

Meus desesperos se dissolvem sem nome  
A vida, afinal, tem um ritmo que se impõe  
O querer sofre duros golpes;  
Aprendo a sobreviver ao que desde sempre me aniquila.

*Que sujeito é esse que contempla as águas?*

*Que espera era aquela que se perdeu?*

Não há mais pressa, nem medo, nem morte  
Só esse exercício de vida que em mim se dissolveu.

Nesse poema, o eu lírico informa o lugar dos acontecimentos. O sol, as águas, o lago, o céu, a floresta aniquilada pelas águas, esses elementos naturais descrevem a paisagem natural que leva a devaneios mais distantes, para dentro e fora de si. Emoções se dissipam no ar natural do entorno, do ambiente natural. É como se a natureza a levasse a meditar e a esquecer suas mazelas humanas.

A inspiração no poema parece partir dos elementos da natureza (de fora) para dar acolhimento à poeta (o dentro). Como ela mesma nos deixa perceber em “Não há mais pressa, nem medo, nem morte”, a natureza tocantinense age de forma transformadoramente positiva sobre a poetisa.

Importante também é notar como as reflexões do eu lírico a partir do mundo exterior que observa contamina o mundo interior, como se a imagem que observa molda a sua visão a partir da observação do novo espaço.

Também, ao dar uma nova forma ao coração, a poeta assume um novo olhar a partir do local. Nesse caso, “a atividade poética busca uma relação intensa como o mundo da vida”, como diria Alfredo Bósi. (2000). Os elementos do mundo real: *Palmas, lago, paus úmidos, águas, ondas. Céu, sol*, aparentemente desarticulados, assumem uma simetria, quando materializados na palavra poética, transformando-se em agentes transformadores da visão do espaço, causando no poeta uma metamorfose nesse ajustamento com o lugar, no qual “o querer sofre duros golpes.”

O outro poeta de que analisamos um poema é o professor Wallace. Ele chegou no Tocantins em 2011 para trabalhar na Universidade Federal do Tocantins. Primeiramente no curso de Pedagogia de Tocantinópolis e, em 2013, ele se transfere para a graduação em Letras de Araguaína. O professor tem dois livros de poesia publicados: *Alma viajante*, de 2013, publicado pela CBJE, do Rio de Janeiro; e *Terra entre rios*, de 2014, publicado pela EdUFT, de Palmas. Deste professor escolhemos o poema *Tocantinense*, do livro *Terra entre rios*, para este artigo.

Tocantinense

Verdes cerrados e céus cheios de estrelas  
no Tocantins chegam pra se deitar.  
Noites de luas belíssimas e ararinhas cantantes,  
nos morros de amor e de amar.

Rios violentamente fortes  
me levam pra outro lugar.  
Cantam as lavadeiras de sempre...  
Busco a ti nessa imensa flora e fauna,  
busco o amor como o rio busca o mar.

O poema de Wallace Rodrigues deixa ver a importância central da natureza tocantinense para marcar o lugar. Os céus de estrelas (são vários céus), as luas (são várias luas), os cerrados, as araras, os morros, as lavadeiras, tudo se pluraliza neste lugar, dando a impressão de tempos distintos, de dias que passam, de noites renovadas. Cada dia há um céu, cada noite tem sua lua, cada manhã tem seu cerrado, etc.

A flora e a fauna tocantinense se misturam aos sentimentos, ao amor, à ânsia de amar. Há um movimento muito intenso no poema, dado a ver através de “Rios violentamente fortes/ me levam pra outro lugar” e pela multiplicidade de elementos “cênicos” do poema (céu, lua, arara, cerrado, etc.).

O Estado do Tocantins parece ser representado através de sua exuberante natureza, de seus sons, de seu movimento incessante do rio Tocantins, do passar dos tempos e dos sentimentos que despertam todas essas imagens. Há uma composição de elementos que nos levam a perceber uma forte energia que emana de toda esta atividade e transborda no poema.

Para os professores poetas que vieram para o Tocantins e o escolheram como lugar para viver, este Estado representa uma sorte de entre-lugar que articula paisagens transculturais. Tomamos uma passagem do professor Denílson Lopes (2012) como exemplo para o entendimento desse caminho de construção representacional, nem sempre linear, do Tocantins através das artes:

O entre-lugar é a resposta teórica e política à construção de nação como sistema orgânico dentro de uma história linear. Espaço de trânsitos entre tempos, culturas e linguagens. O entre-lugar constitui importante passo na implosão da dialética e/ou dualidade entre arte e sociedade, bem como ir além dos estudos de representações sociais, radicalizando as aberturas realizadas pelo debate sobre articulações, mediações e circuitos num fluxo de discursos e imagens que transitem social e temporalmente. As paisagens transculturais são ainda uma alternativa historiográfica e crítica à naturalização de histórias nacionais, estabelecendo um espaço ampliado, multimidiático (LOPES, 2012, p. 8-9).

Neste sentido, não há como definir uma poesia tocantinense de forma cabal, mas este momento se coloca como de abertura a todas as formas poéticas produzidas no Estado ou por tocantinenses, ampliando a compreensão daquilo que se forma enquanto literatura tocantinense.

Assim, não há como nos fecharmos a todas as formas de experimentações poéticas relativas ao Tocantins e, neste contexto, os professores poetas são figuras relevantes na construção do debate sobre o fluxo de literatura criado no Tocantins, pois tentam pensar poesia a partir deste lugar de encontros e desencontros, de chegadas e de partidas, mas que fica marcado em todos nós.

## Considerações Finais

O Tocantins, mesmo sendo um lugar de natureza exuberante, se coloca, na poesia dos dois professores, como um lugar de saudades de outros lugares, um *locus* de reflexão sobre o estar no mundo e de que forma se está no mundo.

Assim, refletir sobre poesia partindo do que se faz para viver e onde se escolhe estar demonstra um foco existencialista no que se refere às nossas escolhas de vida. Na visão de Jean-Paul Sartre (2007):

Quando eu afirmo que liberdade, sob qualquer circunstância concreta, não pode ter outro objetivo que ela mesma, e uma vez que o homem percebe, em seu estado de abandono, que é ele que impõe valores, ele pode desejar somente uma coisa: liberdade como fundação de todos os valores. (SARTRE, 2007, p. 48, tradução nossa).

Neste sentido, a poesia tocantinense é marcada pelas várias liberdades: de expressão textual, de fazeres, de saberes, de escolhas, de lugares, etc., mas tudo retornando ao que mais nos interessa neste artigo, uma forte ligação à natureza do Tocantins, suas pessoas e suas coisas. E estes dois poemas colocados neste texto são tão somente pontos de partida para a descoberta de uma literatura nascente e de qualidade única.

Apesar do tom um tanto melancólico que permeia nos dois poemas, vale ressaltar um ponto importante nos poetas: a superação do pitoresco. Todos os elementos do mundo real aqui destacados contribuem para uma poesia mais ajustada às aspirações do jovem estado ainda em processo de formação. A poetização do Tocantins passa pelo olhar do outro que veio de fora e pela apreensão do mundo pelo concreto. Tem-se, portanto, a palavra poética como intermediadora da relação do ser com o mundo subjetivo, demarcando assim o “ser” e o “tempo” dessa poesia que brota a partir do meio físico e das relações intersubjetivas entre o poeta e o “novo” espaço em direção ao mundo do desejo e da utopia, como fica evidente nos versos: *“busco o amor como o rio busca o mar/ Não há mais pressa, nem medo, nem morte/ Só esse exercício de vida que em mim se dissolveu”*.

Por esses aspectos, os dois poemas analisados apesar da necessidade dos poetas em determinar o lugar da inspiração, ultrapassam o limite do local e ganham universalidade, desligando-se assim da estreita relação com o Tocantins, e o espaço observado torna-se metonímia do mundo. Dessa forma, os dois poetas, ao buscarem inspiração no Tocantins, dão uma contribuição valiosa na formação dessa poesia que floresce a cada dia tão plural e heterogênea, como o povo que constrói esta terra.

## Referências

BÓSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

LOPES, Denílson. **Do Entre-Lugar ao Transcultural**. 2012. Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/docentes/publicacoes/dlopes01.pdf>. Acesso em 06 de março de 2016.

PLEINES, Jürgen-Eckardt. **Friedrich Hegel**. Jürgen-Eckardt Pleines; Sílvio Rosa Filho (org.). – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

SADDI, Maria Luíza Saboia. Os desenhos no céu: sonho e poesia. IN: **Anais do 20º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes (ANPAP)**. 2011, Rio de Janeiro, pág. 4000 a 4012.

RODRIGUES, Wallace. **Alma viajante**. Rio de Janeiro: CBJE, 2013.

RODRIGUES, Wallace. **Terra entre rios**. Palmas: EdUFT, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **Existentialism is a Humanism**. London: Yale University Press, 2007, traduzido de Paris: Éditions Gallimard, 1947.

SANTOS, Janete S.; SILVA, Luíza H. O; TESTA, Lia. **Inquietações**. Goiânia: Kelps, 2007.

Recebido em 10 de fevereiro de 2020.

Aceito em 15 de junho de 2020.